



REMINISCÊNCIAS DE UMA PAISAGEM DE INVERNO

Realização, Imagem, Som e Montagem: Lucas Tavares

A PAISAGEM COMO REMINISCÊNCIA MENTAL E MATERIAL

Carlos Natálio

Professor | Universidade Católica Portuguesa

Crítico de Cinema | À *Pala de Walsh*



Fig 1 – *Reminiscências de uma Paisagem de Inverno*

A segunda obra de Lucas Tavares, *Reminiscências de uma Paisagem de Inverno* (2022), que segue o “motivo” das estações (depois de *Cores de Outono*, 2020) possui inscrita na sua proposta uma reflexão acerca da memória e da reminiscência. De acordo com Platão, o conhecimento humano é essa reminiscência sensível do mundo das Ideias. São traços que resistem ao esquecimento primordial: tal como a figura feminina, que vemos na última cena do filme, raspa – cremos que, cíclicamente –, o tronco de uma árvore para deixar visível uma inscrição. Ou, por outras palavras, para manter viva uma memória.

Há já vários anos, pelo menos a partir da desconstrução “derridiana”, que a ideia de arquivo sofre um rasgo fundamental na sua ideia de existência extática e documental, como monumento a uma ideia de materialidade e consistência ontológica. Este é, parece-nos, um filme que procura herdar esse pensamento pela ligação que estabelece entre o arquivo documental, o arquivo natural e o arquivo emocional. Diferentes formas de declinar a memória, ora inscrita no suporte técnico, ora inscrita na natureza e nos espaços cognitivos do humano.

E, nessa interdependência, os registos contaminam-se: as mãos, enluvadas, seguram, cerimonialmente, os diapositivos de paisagens de Verão – a memória de um passado – com a delicadeza com que se segura um tesouro ou algo vivo e delicado; a inscrição no tronco remete para um passado que pode ser um início ou origem da obra fílmica; a música e efeitos sonoros, cósmicos, náuticos, inundam de água invisível a serra, ou talvez pudéssemos falar da singela maré de névoa que, lentamente, constrói o espaço do sublime e do choque do esquecimento.

As paisagens reais que Lucas Tavares nos dá são momentos em transformação: o lento amanhecer, as imóveis árvores movidas pelo vento e pela névoa, o ar tocado pela ação das ventoinhas eólicas. De uma certa perspectiva, correspondem ao contratipo das paisagens de Verão congeladas para sempre no formato dos diapositivos com que o filme abre. Se é verdade que o passado se mumifica – para usar um termo “baziniano” – nos dispositivos de retenção, não é menos verdade que a nossa percepção do presente, e a do presente do filme para o espectador, são outras formas de observar a mudança irreversível, e de, mumificar internamente algo dessa experiência.

Este é um processo profundamente subjetivo. As paisagens iniciais de *Reminiscências de uma Paisagem de Inverno*, sejam ou não despoletadas pelas lembranças finais (o que faria do filme uma espécie de *flashback* que apenas se compreende nos últimos minutos), remetem a uma ideia idealizada de passado. O calor, mas também os *puncta* nessas mesmas paisagens arquivadas. Por exemplo, aos 7 minutos e 38 segundos, quando uma das

crianças, na parte inferior à direita do enquadramento, mima com os seus gestos sobre os olhos, o processo de captação daquele pedaço de *memorabilia* que vemos. Mas essa “punctificação” também ocorre no presente. Embora sintamos a influência do cinema estrutural e perceptivo de James Benning, com os seus longos planos, no filme de Lucas Tavares, mais do que um exercício sobre o trabalho da percepção e as micronarrativas da visão, existe um espaço de transfiguração do espaço e do tempo.

Mais uma vez, é a música que nos ajuda a compreender que a mudança, ao ocorrer, não é apenas temporal, mas é da ordem do mágico. Como se a forma de perceber o presente fosse ela também uma busca incessante de *puncta*, contra os *studia* da interpretação. Processo vital a de encontrar essas âncoras – e lembramos novamente os motivos náuticos – que serão a argamassa da constituição progressiva de um arquivo emocional. Ou, noutros termos, ainda a ideia de reminiscência “platoniana” que circula entre o dispositivo material e o dispositivo mental.

Referências

- Barthes, Roland (2008). *A câmara clara*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70.
- Bazin, André (2011). “Ontologie de L’Image Photographique”. In *Qu’est-ce que le cinéma?* (pp. 9-17). Paris: Les Éditions du Cerf.
- Derrida, Jacques (2001). *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*. Trad. Claudia de Moraes. Lisboa: Ediouro.
- Platão (2017). *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.